



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, CIÊNCIAS E ARTES/ICHCA
CURSO TEATRO LICENCIATURA

MARYA EDUARDA COSTA DE BRITO

**O FEMINISMO DE SIMONE DE BEAUVOIR: UMA ANÁLISE DE A MULHER E A
COMPADECIDA NA PEÇA DE ARIANO SUASSUNA.**

Maceió, abril de 2023

MARYA EDUARDA COSTA DE BRITO

**O FEMINISMO DE SIMONE DE BEAUVOIR: UMA ANÁLISE DE A MULHER E A
COMPADECIDA NA PEÇA DE ARIANO SUASSUNA.**

Artigo submetido ao Curso de Teatro
Licenciatura da Universidade Federal de
Alagoas, como requisito obrigatório para a
obtenção do grau de licenciada em Teatro,
sob orientação da Prof^a Dra Ana Flávia de
Andrade Ferraz.

Maceió, abril de 2023

Dedico esse artigo à minha família, aos meus amigos, ao corpo docente do curso de Teatro da Universidade Federal de Alagoas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Universo.

A minha mãe: Ede Maria Alves da Costa.

A minha família.

Aos meus amigos que conquistei na universidade.

A profa. Orientadora Dr. Ana Flávia Ferraz e prof. Esp. Osvaldo Vila Nova.

E todos aqueles que me incentivaram e fizeram parte da minha jornada acadêmica.

O FEMINISMO DE SIMONE DE BEAUVOIR: UMA ANÁLISE DE A MULHER E A COMPADECIDA NA PEÇA DE ARIANO SUASSUNA.

Resumo: Esta pesquisa fez uma análise das personagens femininas do texto teatral O Auto da Compadecida de autoria do paraibano Ariano Suassuna à luz da teoria feminista da filósofa Simone de Beauvoir. Neste estudo observamos o olhar da sociedade e a construção do ser mulher nas personagens Dora e A Compadecida. Para tanto, utilizamos as reflexões abordadas no livro O Segundo Sexo como proposta teórica para essa análise, considerando o pertinente estudo de Beauvoir sobre as perspectivas desnaturalizantes e antiessencialistas do que é ser mulher. Nosso propósito é provocar um diálogo entre a mulher de Ariano Suassuna e a mulher de Simone de Beauvoir.

Palavras chaves: Feminismo, Auto da Compadecida, Simone de Beauvoir

Summary: This research analyzed the female characters of the theatrical text *O Auto da Compadecida* by Ariano Suassuna, from Paraíba, in the light of the feminist theory of the philosopher Simone de Beauvoir. In this study, we observe the look of society and the construction of being a woman in the characters Dora and A Compadecida. Therefore, we used the reflections addressed in the book *The Second Sex* as a theoretical proposal for this analysis, considering Beauvoir's pertinent study on the denaturalizing and anti-essentialist perspectives of what it means to be a woman. Our purpose is to provoke a dialogue between Ariano Suassuna's wife and Simone de Beauvoir's wife.

Keywords: Feminism, *Auto da Compadecida*, Simone de Beauvoir

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. ARIANO SUASSUA: VIDA E OBRA	8
1.1 A PEÇA O AUTO DA COMPADECIDA	12
2. SIMONE DE BEAUVOIR E O SEGUNDO SEXO	15
3. ANÁLISE DAS PERSONAGENS DE ACORDO COM A VISÃO DE SIMONE DE BEAUVOIR	19
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
5. REFERÊNCIAS	26
6. ANEXO	28

1. INTRODUÇÃO

Ao conhecer a obra de Ariano Suassuna “O AUTO DA COMPADECIDA”, anteriormente aos meus estudos acadêmicos, fiquei impactada com a forma cômica e crítica com que ele denuncia a sociedade. Ao mesmo tempo, na minha vida pessoal sempre me interessei pelo feminismo, o que me levou a fazer minhas primeiras leituras sobre Simone de Beauvoir; de modo que “quase” naturalmente, comecei a fazer “nexos” entre seus textos e as condições sociais que presencio.

Então, ao concluir o Curso de Teatro Licenciatura, achei pertinente apresentar ao campo acadêmico e à sociedade uma intersecção entre a mulher retratada na peça de Suassuna e a mulher definida por Beauvoir, instigando-nos a uma reflexão sobre a mulher na sociedade contemporânea.

Desta forma, o presente artigo trata de uma análise sobre o feminismo posto por Simone de Beauvoir nas personagens A Mulher e A Compadecida na peça “O AUTO DA COMPADECIDA” de Ariano Suassuna. Dividimos o trabalho em três momentos: o primeiro, ARIANO SUASSUNA: VIDA E OBRA, procuramos entender a trajetória de vida do autor ao descrever duas figuras femininas do seu universo literário e apresentamos a peça enquanto texto dramático. Na segunda sessão, sintetizamos a vida de Beauvoir e o significado do Segundo Sexo para a compreensão de sua postura feminista. No terceiro momento, “ANÁLISE DAS PERSONAGENS DE ACORDO COM A VISÃO DE SIMONE DE BEAUVOIR” propomos um diálogo entre as imagens das personagens femininas formada pelos homens e a sociedade descrita na peça de Suassuna em contato com a categoria e conceitos definidos sobre o feminismo de Simone de Beauvoir de acordo com sua obra “O Segundo Sexo” de 2014.

Espero, com isso, que este estudo possa contribuir com o campo do saber nos estudos feministas, na literatura, no teatro, a cultura popular, a educação e nas relações sociais como um todo.

2. ARIANO SUASSUNA: VIDA E OBRA

Ariano Vilar Suassuna nasceu em 1927 no Palácio da Redenção, na cidade de Nossa Senhora das Neves, atual cidade de João Pessoa, capital da Paraíba. Filho de Rita de Cássia Dantas Villar e João Suassuna, foi o oitavo dos nove filhos do casal. Seu pai foi um importante político local, exerceu o cargo de Presidente do estado nos anos de 1924 a 1928, função de atual governador. No ano seguinte por questões políticas e familiares seu pai deixa o governo local, e sua família foi morar no sertão, na Fazenda Acauã, situada no município Souza no estado da Paraíba. Em 1930, ainda criança, Suassuna perde seu pai de forma violenta no Rio de Janeiro, e logo então sua família se mudou para a cidade de Taperoá-Paraíba, onde residiu de 1932 a 1937. Para Suassuna, a morte de seu pai ocupava um ponto extremamente importante na sua inquietação criadora tanto que ele procurou eternizar as lembranças do mesmo através do soneto a seguir:

“Aqui morava um rei quando eu menino
Vestia ouro e castanho no gibão,
Pedra da Sorte sobre meu Destino,
Pulsava junto ao meu, seu coração.
Para mim, o seu cantar era Divino,
Quando ao som da viola e do bordão,
Cantava com voz rouca, o Desatino,
O Sangue, o riso e as mortes do Sertão.
Mas mataram meu pai. Desde esse dia
Eu me vi, como cego sem meu guia
Que se foi para o Sol, transfigurado.
Sua efígie me queima. Eu sou a presa.
Ele, a brasa que impele ao Fogo acesa
Espada de Ouro em pasto ensanguentado.” (SUASSUNA, 2007, p. 10)

De acordo com o documentário “*CABRA DE CORAÇÃO E ARTE OU O CAVALEIRO DE ALEGRE FIGURA*” de Claudio Brito, observamos o universo vivido na sua infância. Com uma memória bastante lúcida, Ariano conta que se mudou para Taperoá em 1933, para a última casa que seu pai tivera construído. Dessa forma, a maior parte de sua infância foi vivida nas fazendas, onde teve contato direto com o homem do campo, com o saber popular, com as peças de mamulengo e com as disputas de viola.

Em 1945 ingressou na Faculdade de Direito do Recife, integrando no curso de Ciências Jurídicas e Sociais. Sua conexão com o teatro aconteceu ainda na faculdade onde fundou o Teatro do Estudante de Pernambuco¹ junto com Hermilo Borba Filho². O intuito da criação do grupo era o de levar o encontro do público aos novos dramaturgos nordestinos, a exemplo dele mesmo e de Hermilo Borba Filho. Sua primeira peça a ser montada foi *CANTAM AS HARPAS DE SIÃO* ou *O DESERTOR DE PRINCESA* que estreou no Teatro Estudante de Pernambuco. Em 1947 escreveu a peça *UMA MULHER VESTIDA DE SOL*, considerada a primeira importante tragédia produzida no Nordeste; uma história marcada pela violência e a banalidade do homem, onde, o trágico é despertado pela consciência de finitude da vida e a impossibilidade de compreendê-la por inteiro. Como afirma Newton Junior:

Várias situações despertam no homem o sentido de trágico da vida, mas todas oriundas de duas tomadas de consciência graves: consciência de mortalidade e consciência da impossibilidade de obtenção do conhecimento total, da decifração do enigma da “máquina do mundo”. O homem quer ascender ao Divino, mas a todo instante é chamado à dura realidade, ao enfrentamento da condição humana (1999: p.157-158 apud KERSCH, 2012, p. 34)

No ano seguinte, lança mais duas peças, *OS HOMENS DE BARRO*, em que narra a história de homens que veem um anjo e procuram esculpi-lo em uma pedra, e a peça *AUTO DE JOÃO DA CRUZ*.

Em 1950, após terminar o curso de direito, contraiu tuberculose e foi tratar-se em Taperoá, pois acreditava que longe da cidade grande tinha mais chances de ser curado. Dois anos depois, volta ao Recife já como advogado. No entanto, a literatura disputava grande espaço com sua vida laboral e sempre vencia. Ainda neste ano escreveu a peça *O ARCO DESDOLADO*, que acabou recebendo menção honrosa no concurso do “IV Centenário da Cidade de São Paulo”. E não largou mais a literatura,

¹ TEP um dos mais influentes teatros do norte-nordeste criado em 1940 em Pernambuco.

² Enciclopédia Itáu Cultural afirma que Hermilo Borba Filho pernambucano de Palmares foi escritor, teatrólogo, crítico literário, jornalista, romancista, diretor, dramaturgo e diretor brasileiro. Comandou o grupo a partir de 1946.

produzindo principalmente peças de teatro. No ano seguinte, em 1953 escreveu *O CASTIGO DA SOBERBA*, peça produzida em um único ato.

Nos anos seguintes, mais precisamente em 1955, escreveu a peça “*O AUTO DA COMPADECIDA*”, texto composto por três atos que foi encomendado pelo Teatro de Estudante de Pernambuco, e a publica em livro em 1956. A peça, que foi a de maior êxito do escritor, no início não obteve sucesso nas primeiras vezes em que foi montada. Encenada por Clênio Wanderley³ e apresentada pelo Teatro do Adolescente do Recife no dia 11 de setembro de 1956 teve apenas metade das cadeiras ocupadas; no dia seguinte, apenas um quarto; já no terceiro dia a peça foi cancelada por não haver público. No ano seguinte embarcou com a companhia *Compadecida* para o Rio de Janeiro, apresentando a montagem no Teatro Dulcina durante o I Festival de Amadores Nacionais, realizada pela Fundação Brasileira de Teatro. O teatrólogo Paschoal Carlos Magno em entrevista para o *Correio da Manhã* faz uma menção sobre a passagem da peça no Festival de Amadores:

É uma peça que se interrompe a cada instante com aplausos. É uma peça que se aplaude de pé. Uma peça como poucas do teatro brasileiro de todos os tempos. E quem representa é um punhado de moços de talento, de muitíssimo talento. Há neles dignidade, entusiasmo, honestidade. Quem a dirigiu foi Clênio Wanderley. Terá menos de 30 anos. Mas nasceu diretor, como outros nascem santos. Dá-nos uma lição de equilíbrio, de sentido poético, de magia cênica. Quem gostar de teatro, quem acreditar em teatro e desejar prestigiá-lo, deve ir ao Dulcina, para se comover, aplaudir, queimar as mãos de palmas, diante do espetáculo que é *A Compadecida*, dos mais belos que já vi no Brasil e nas minhas andanças pelo mundo. (MAGNO apud FILHO, 2019, p. 10)

Ariano foi membro fundador do Conselho Federal de Cultura (1967-1973); diretor do Departamento de Extensão Cultural da UFPE (Universidade Federal de Pernambuco) (1969-1974), entre outros. Sempre esteve envolvido diretamente com a cultura e em 1970 iniciou no Recife o “Movimento Armorial”, empenhado no desenvolvimento de uma arte erudita a partir das formas de expressão populares tradicionais do nordeste como a dança, música literatura, teatro, e outras expressões.

³ Clênio da Rocha Wanderley foi diretor e ator pernambucano fundador do grupo Teatro do Adolescente do Recife.

O dia do nascimento do movimento contou com a participação da Orquestra Armorial e exposição das artes plásticas. Apesar de ser um movimento criado na universidade, ele se expande e tem apoio de importantes instituições como a Prefeitura de Recife e da Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco. Nas palavras de Ariano Suassuna:

A Arte Armorial Brasileira é aquela que tem como traço comum principal a ligação com o espírito mágico dos "folhetos" do Romanceiro Popular do Nordeste (Literatura de Cordel), com a Música de viola, rabeça ou pífano que acompanha seus "cantares", e com a Xilogravura que ilustra suas capas, assim como com o espírito e a forma das Artes e espetáculos populares com esse mesmo Romanceiro relacionados. (Jornal de Semana, 20 de maio de 1975 apud DIANA, online)

A sua vida foi marcada por vários títulos e alguns cargos importantes como Secretário de Educação e Cultura do Recife, de 1975 a 1978 e Secretário de Cultura do Estado de Pernambuco, no Governo Arraes, de 1994 a 1998. De 1990 até o ano de sua morte (2014), o mestre ocupou a cadeira trigésima segunda da Academia Brasileira de Letras, que tem como patrono é Manuel José de Araújo Porto Alegre, o barão de Santo Ângelo.

Em 2002, foi tema de enredo da escola de samba carioca "Império Serrano" e em 2008 homenageado pela "Mancha Verde" no carnaval paulista. Em 2013 a sua obra mais famosa, *O AUTO DA COMPADECIDA* foi tema da escola samba paulista "Pérola Negra". O mestre, como carinhosamente era chamado, foi um homem ativo até seus últimos anos de vida, onde exaltava a cultura brasileira e, principalmente, a nordestina.

Através da tragicomédia de Suassuna podemos analisar de maneira aprofundada a situação das figuras femininas na sociedade machista onde de um lado temos a Mulher que se apresenta como forte, autônoma, transgressora e do outro lado temos o outro polo da figura feminina A Compadecida, a benevolente, a santa, a que compadece, mas traz consigo o senso da justiça para a trama. Pode observar na comédia de *O Auto da Compadecida* que, com o riso, a obra trata de problemas reais vivido na sociedade brasileira como a fome, a miséria e o machismo que é tão pertinente na cultura nordestina. As personagens femininas são retratos de duas mulheres antagônicas que dividem a cena apresentando dois polos diferentes da face

do feminino. Ao longo do trabalho analisaremos as duas personagens através da teoria feminista de Beauvoir.

2.1 A PEÇA O AUTO DA COMPADECIDA

O *AUTO DA COMPADECIDA* é um texto cômico e dramático brasileiro. Ariano o escreveu baseando-se em três folhetos escritos por um amigo de seu pai, Leonardo Borba. Conforme sua fala na entrevista a Maria Isabel Amphilo Rodrigues de Souza, o autor esclarece:

[...] Escrevi primeiro a peça, o primeiro ato, que seria a peça, depois escrevi o segundo, baseado em outro folheto que esta lá em ----e o terceiro, que é baseado num terceiro folheto----- o primeiro ato é baseado no enterro do cachorro, o segundo é “A história do cavalo que defecava dinheiro”, e o terceiro “O castigo da soberba”. (2003, p. 138-139)

O texto é elaborado a partir dos autos. O auto é uma peça derivada do teatro medieval cujo tema principal é a religião, sua obra é marcada pela influência dos autos de Gil Vicente. A história mescla cultura popular com a tradição religiosa, já a linguagem é diretamente influenciada pelo vocabulário e oralidade da região nordestina. Utiliza-se muito do regionalismo que se ajusta à linguagem dos personagens de acordo com suas classes.

A peça narra a história de João Grilo e Chicó na luta pela sobrevivência em uma sociedade do sertão nordestino com alto nível de desigualdade social. Assolado pela fome, pela aridez, pela seca, pela violência, os personagens tentam viver em um ambiente hostil e miserável. Ao se vingar dos patrões, João Grilo e Chicó usam de toda a esperteza para arrancar dinheiro dos donos da padaria com o testamento do cachorro e o gato que defeca dinheiro. Com a chegada do cangaceiro à cidade a maioria dos personagens são assassinados e vão para o purgatório onde são salvos da condenação eterna pela defesa da *Compadecida*.

Os personagens apresentam características caricatas do Brasil. João Grilo é um personagem icônico, é o protagonista esperto da trama. Chicó é o melhor amigo de João Grilo, sua maior característica é ser contador de “causos”. O Padre é um personagem muito avarento e tenta tirar vantagens dos fiéis da cidade. O Bispo é outro personagem corrupto, aceita subornos e usa o dinheiro da paróquia para

enriquecer. O Padeiro representa a burguesia que está preocupado em apenas enriquecer. Manuel é o próprio Jesus Cristo, no enredo se apresenta como uma figura mais humana. Já o Eucorado é o próprio Diabo que aparece como o promotor do julgamento, mas perde pela misericórdia da Compadecida. A Mulher também representa a burguesia junto com o marido, gosta de dinheiro e tem amor por seus animais. A Compadecida trata-se da própria Nossa Senhora, como o seu nome já esclarece, e é uma personagem que se compadece dos outros.

No enredo, Suassuna funde o real com o imaginário, o humor e a crítica, retratando a realidade de uma sociedade onde os personagens driblam as injustiças e as desigualdades pela subversão da ordem determinada.

Os autos foram recriados a partir do universo popular; o cordel e na tradição circense. Logo, o circo foi de suma importância na obra de Suassuna, que trouxe elementos do cômico para o texto e exemplifica a existência de dois tipos de palhaços: um era o inteligente e o outro o bobo⁴. Essa origem vem dos personagens Mateus e Bastião do bumba-meu-boi⁵, uma das mais importantes festas populares do ciclo natalino do Nordeste. Esses arquétipos deram origem aos personagens Chicó e João Grilo.

Conforme Almada:

“Na peça Auto da Compadecida o circo e o palhaço marcam presença de forma explícita. Isso se dá por meio dos personagens, cenário, diálogos, estrutura interna e, sobretudo, pelo “espírito” e dicção circense que comanda o espetáculo e condiciona o espectador a participar da encenação “como se” ele, realmente, estivesse imerso no ambiente de um circo.” (2018, p.2)

Em 1999 a peça foi adaptada e se tornou uma minissérie de televisão exibida pela Rede Globo. No ano seguinte foi transformada em um filme dirigido por Guel Arraes (Miguel Arraes Filho), com roteiro de Adriana Falcão, João falcão e do próprio Guel Arraes. O filme baseou-se na peça “O Auto da Compadecida” mas com elementos também de “O Santo e a Porca” e “Torturas de um Coração”, ambas do

⁴ A peça o Auto da Compadecida tem apenas um palhaço.

⁵ A origem remonta à Commedia Dell’Arte.

mesmo autor. Além disso, o diretor incluiu referências da obra *Decamerão*, de Boccaccio, no filme.

Com uma trágicomédia Ariano traz assuntos importantes na trama como o regionalismo que entra como ponto central. E também e busca discutir outros temas pertinentes como o patrimonialismo e coronelismo. De acordo com o artigo “*AS RELAÇÕES DE PODER NO SEMIÁRIDO NORDESTINO* (SANTOS, Alane. SANTOS, Carina. SANTOS, Andréia. 2014, p.153)” é feita a seguinte análise:

Dessa forma, desde a época da colonização até os dias atuais o mandonismo está presente no Brasil. Por muitos anos, o Nordeste enfrentou de forma extremamente hierarquizada, um processo civilizatório e colonizador no qual o deixou a mercê do clientelismo e dos grandes latifundiários. Diante desse contexto, o apadrinhamento e a forma patrimonialista marcaram o território nordestino, mais especificamente o semiárido, que por vários anos foi liderado pelos coronéis da região que concentrava todo o poder em suas mãos.

Assim, observamos outras discussões no enredo que estão presentes na atualidade: como assuntos sobre a miséria humana, o racismo, o machismo, a luta de gênero e de classe em um ambiente caracterizado pela economia agrária dos grandes latifundiários da cana-de-açúcar. Tal sociedade é caracterizada pela dominação, o patriarcalismo, a manutenção dos poderes políticos e econômico, e pela estratificação social. Sociedade que, durante décadas, não se transformou em relação a estratificação social e aos desmandos da classe dominante em detrimento do camponês, sendo uma história de crítica à sociedade injusta e desigual dos tempos dos coronéis. No personagem Major Antônio Moraes podemos observar essas características.

O Major Antônio Moraes representa a influência e o poder dos coronéis da República Velha, é visto na obra com as mesmas características psicológicas do imaginário popular: pessoa orgulhosa, mandona, sem medo de nada e de ninguém, soberba, arrogante, o dono da verdade e do poder. Esta é a representação do Major também no filme, todos no filme o temem e o bajulam para ficar do seu lado. Não se arrisca a enfrentar o Major, a não ser que seja a única saída. (ALBUQUERQUE, 2009, p.5)

Outra discussão que o texto de Suassuna traz diz respeito ao racismo. João Grilo, ao encontrar com Manuel um Cristo, negro, revela uma carga de preconceito. No entanto, tal postura é tida como um mal e que deve ser combatido:

João: A cor pode não ser das melhores, mas o senhor fala bem que faz gosto.

Manuel: Muito obrigado, João, mas agora é sua vez. Você é cheio de preconceitos de raça. Vim hoje assim de propósito, porque sabia que isso ia despertar comentários. (SUASSUNA, 2018, p. 121-122)

O machismo é outro tema presente quando observamos o olhar da sociedade diante daquelas mulheres retratadas na peça. Aqui o enredo nos apresenta duas versões do que é “ser mulher” nas personagens A Mulher e A Compadecida, estando todas em um universo dominado pelo machismo.

[...] as personagens são representações das identidades femininas nordestinas rurais tradicionais, presas aos padrões patriarcais, embora haja uma tentativa de desvinculação dos mesmos. Portanto, mais do que uma literatura voltada para o lugar da mulher no seio doméstico, O Auto da Compadecida constitui-se em um espaço de lutas de gênero. (PAULINO, Suzana; MOURA, Andréa; BARKOKÉBAS, Ariadne; PROCÓPIO, Pedro 2017 p.11)

Para Simone de Beauvoir o machismo é uma condição imposta à mulher pela sociedade. As relações de poder colocam o homem como o ser dominante e a mulher a dominada, é essa visão que a sociedade apresentada na peça nos mostra, mas Suassuna subverte os papéis ao colocar a mulher em uma posição de igualdade ao homem, com autonomia e liberdade.

3. SIMONE DE BEAUVOIR E O SEGUNDO SEXO

A filósofa Simone Lucie Ernestine Marie Bertrand de Beauvoir, nasceu em Paris-França no dia 09 de janeiro de 1908, e faleceu na mesma cidade em 1986. Considerada uma das pioneiras do movimento feminista, teve seu trabalho marcado pela corrente existencialista.

Nascida em um lar tradicional na França, foi a primogênita de duas irmãs, filha de um casal descendente de família burguesa, porém em decadência. Seu pai era o advogado Georges Bertrand de Beauvoir, ex-membro da aristocracia francesa, ao mesmo tempo sua mãe François Bresseur era membro da alta burguesia francesa. Beauvoir estudou em uma escola católica particular até a adolescência, onde terminou seus estudos. Em seguida, passou no vestibular de matemática e filosofia, escolhendo estudar matemática no Instituto Católico de Paris. Também estudou literatura e línguas no Colégio Sainte-Marie de Neuilly, e por fim cursou filosofia na Universidade

de Paris (Sorbonne) onde conheceu o promissor e companheiro filósofo Jean-Paul Sartre⁶.

No ano de 1929 adquiriu o certificado de professora de filosofia, e, em seguida, começou a lecionar. Foi de Paris a Marseille, enquanto Sartre tornou-se professor no Liceu de La Havre. Temeroso de perder o contato com a jovem Simone, ele a pede em casamento, mas ela o recusou pois já se mostrava contrária ao casamento burguês patriarcal. Em seguida foi trabalhar como professora em Rouen. Voltou permanentemente a Paris em 1936, onde lecionou até o ano de 1943.

Neste mesmo ano estreou na literatura com seu romance *A CONVIDADA*. Dois anos depois, em 1945, fundou com Sartre (com quem mantinha um relacionamento amoroso aberto) e outros pensadores, a revista *OS TEMPOS MODERNOS*, de caráter existencialista.

Em 1949, logo após a segunda guerra mundial, publica *O SEGUNDO SEXO*. O livro está situado no contexto político-social do século XX, esta época é marcada por uma progressiva mudança na condição social da mulher. Tal realidade pode ser percebida em algumas ocasiões históricas, como em 1917 a russa Alexandra Kollontai se torna a primeira mulher a integrar um governo; em 1955, a americana negra Rosa Parks se recusa a ceder o lugar a um homem branco no ônibus. A vista disso, o contexto social do século XX pleiteava novas condutas sobre temas relacionados à segregação social, seja de gênero, raça ou religião.

Nesse contexto, Beauvoir vê a necessidade de escrever sobre a condição da mulher diante dessas mudanças sociais. O livro é considerado uma das obras mais importantes para o movimento feminista, ao analisar a condição feminina nas esferas sexual, psicológica, social e política. O trabalho marcou a segunda onda do feminismo, e vendeu 22 mil exemplares na França. Logo em seguida, foi retirado das livrarias pela repercussão negativa que teve na população francesa. Entrou na lista de livros proibidos catalogados pela Igreja Católica, chegando a ser proibido em alguns países da Europa. Sofreu certa resistência até mesmo pela ala feminista, pelo fato que a maioria das integrantes do movimento eram participantes da Igreja Católica e

⁶ Jean-Paul Sarte foi um escritor, crítico e filósofo existencialista grande influenciador de Simone de Beauvoir.

discordavam com trechos da obra que tratavam sobre a contracepção gratuita e o direito ao aborto.

No Brasil, o feminismo conquista o direito ao voto feminino na década de 30, em consequência da luta das mulheres. Na década de 50 com a retomada da democracia no estado brasileiro, as advogadas Romy Martins Medeiros da Fonseca e Orminda Ribeiro Bastos se destacam ao se indignar com a situação da mulher casada. Sendo assim, elaboram uma proposta que tinha como objetivo a ampliação do direito da mulher retirando a tutela do marido. O projeto foi apresentado em 1951 no Congresso Nacional. Ainda que tenha gerado grande repercussão, o projeto transitou por dez anos através da burocracia parlamentar. Sendo assim, com grande pressão por parte das mulheres, o novo Código Civil é aprovado no dia 27 de agosto de 1962. É nesse contexto que o movimento feminista assegura conquista no Brasil enquanto Beauvoir em Paris publica *O Segundo Sexo*.

A obra *O Segundo Sexo* é dividido em dois volumes – *Fatos e Mitos* e *A Experiência Viva* – que foi basilar para as teorias da chamada “segunda onda do feminismo”, que nasceu no início dos anos 1960, na América do Norte e Europa. A segunda onda foi basilar para o movimento feminista com reivindicações políticas/sociais importantes para a autonomia da mulher, suas demandas eram a legalização do divórcio, legalização do aborto e reconhecimento do sexo casual. As principais autoras da segunda onda foram: Betty Friedan, Katy Millet e a própria Simone de Beauvoir (a primeira onda do feminismo foi o movimento a favor do voto feminino – sufragistas –, final do século 19 e início do século 20).

No primeiro volume do *O SEGUNDO SEXO*, a autora discorre sobre as ideias a respeito da figura feminina, estudando fatos históricos e revisando argumentos retirados da antropologia, biologia, sociologia e psicanálise para tentar encontrar um fundamento para a desigualdade de gênero existente. De modo paralelo, esclarece diferentes formas por meio das quais essas opressões se evidenciam. No decorrer da discussão são questionadas teses biologicistas e internalistas, que alegam que exista algum tipo de “natureza feminina” nativa e comum a todas as mulheres. Para Beauvoir a construção desses conceitos não é natural, é uma construção social imposta à mulher pela sociedade, que quer implantar que existe alguma essência que justifique

os estereótipos postos à categoria da mulher na sociedade. Ainda de acordo com a escritora, a condição da mulher é retratada como o Outro pelo olhar masculino.

O homem é pensável sem a mulher. Ela não, sem o homem.” Ela não é senão o que o homem decide que seja; daí dizer-se o “sexo” para dizer que ela se apresenta diante do macho como um ser sexuado: para ele, a fêmea é sexo, logo ela o é absolutamente. A mulher determina-se e diferencia-se em relação ao homem, e não este em relação a ela; a fêmea é o inessencial perante o essencial. O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro. (BEAUVOIR, Simone, 2009, p. 15)

Logo, a categoria de *o outro* é posto à mulher perante a sociedade, para o homem é delegado tudo. O homem é considerado o positivo e o neutro. Já a mulher, o negativo, o estrangeiro. À vista disso, entendemos que para o corpo social o homem é um ser completo e que tudo perpassa pela percepção do seu olhar. Por conseguinte, a mulher é vista como uma segunda categoria aos olhos da sociedade.

Já o segundo volume, *A Experiência Vivida*, é baseado no relato do processo de construção e socialização da mulher em todas as etapas da vida, discorrendo sobre os contextos sociais nas quais a mulher está inserida e descrevendo experiências relacionadas à infância, adolescência, relações amorosas/sexuais, maternidade, lesbianidade, prostituição e velhice. Retrata as causas que geram vulnerabilidade à mulher enquanto esmiuça sobre diversos estereótipos atribuídos à condição feminina, procurando identificar quais os fatores e aprofundando cada vez mais na disparidade entre homens e mulheres.

Em síntese, os dois volumes expõem concepções a respeito da feminilidade e experiências partilhadas que podem ser apontadas a partir de um viés desnaturalizante e antiessencialista. Logo, entendemos que não existe algum aspecto natural ou essencialista que defina a construção da mulher na sociedade. A teórica, em sua obra, analisa os elementos que constituem o ambiente no qual as mulheres encontram-se, argumentando que não existe um fator único plausível que justifique a desigualdade de gênero e para os obstáculos enfrentados em decorrência desta, que coloquem todas as mulheres no mesmo nível ou justifique tal posição de inferioridade social.

Quando emprego as palavras “mulher” ou “feminino” não me refiro evidentemente a nenhum arquétipo, a nenhuma essência imutável; após a maior parte de minhas afirmações cabe subentender: “no

estado atual da educação e dos costumes”. Não se trata aqui de enunciar verdades eternas, mas de descrever o fundo comum sobre o qual se desenvolve toda a existência feminina singular. (Beauvoir, 2014, p. 305)

Posto isso, entende-se que não existe uma “essência feminina” com qual seja inata a todas as mulheres por biologicamente nascer do sexo feminino ou qualquer outro sentimento inato. A realidade da mulher é fruto de um contexto cujas diferentes circunstâncias devem ser levadas em consideração, ou seja, a socialização feminina institui esses sentimentos – maternidade – que é delegado a mulher desde os primórdios. Logo, não se nasce mulher, torna-se.

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado, que qualificam de feminino. (BEAUVOIR, 2009, p. 307)

Para Beauvoir o ser mulher vem de um lugar externo no qual a definição de gênero perpassa em uma construção determinada a partir da relação de ⁷alteridade com o “ser homem”, isto é, um se determina apenas com relação ao outro.

4. ANÁLISE DAS PERSONAGENS DE ACORDO COM A VISÃO DE SIMONE DE BEAUVOIR

Na peça *O Auto da Compadecida* a personagem a Mulher se relaciona de forma contrária àquela discutida por Simone de Beauvoir no livro *O SEGUNDO SEXO*. Ela transgride em uma sociedade patriarcal machista; por isso entendermos que ela é uma mulher que está além do seu tempo. A personagem apresenta comportamentos onde aflora sua liberdade sexual, seus desejos e libido, se apresentando como uma mulher revolucionária para aquele tempo. No início da peça Ariano expõe a visão que a sociedade tem sobre a personagem, conforme o diálogo abaixo.

JOÃO GRILO: Deixe de besteira, Chicó, todo mundo já sabe que a mulher do padeiro engana o marido!

CHICÓ: João, danado, ou você fala baixo ou eu esgano você já, já.

JOÃO GRILO: Mas todo mundo não sabe mesmo?

⁷ “A alteridade é uma categoria fundamental do pensamento humano. Nenhuma coletividade se define nunca como Uma sem colocar imediatamente a Outra diante de si.” (BEAUVOIR, 2014, p. 16).

CHICÓ: Sabe, mas não sabe que foi comigo, entendeu? E mesmo ela já me deixou por outro! Uma vez, João, e não posso me esquecer dela. Mas não quer mais nada comigo. (SUASSUNA, 2018, p. 34)

Para essa sociedade a personagem Mulher é vista como “A mulher do padeiro”, uma figura que deveria ser passiva. Porém, observamos em diversas passagens da peça que essa persona tem voz ativa e contradiz o conceito de mulher submissa que essa sociedade quer lhe impor. Ao impor seus quereres mediante ao Padre, a Mulher se impõe e incita o marido a cortar o dinheiro doado à irmandade das almas. Sendo assim, compreendemos que a personagem é que tem a voz determinante na relação, rompendo o papel que lhe é atribuída como sujeito do sexo feminino. A Seguir:

MULHER: Enterra e tem que ser em latim. De outro jeito não serve, não é?

PADEIRO: É, em latim não serve.

MULHER: Em latim é que serve! PADEIRO É, em latim é que serve!

PADRE: Vocês estão loucos! Não enterro de jeito nenhum.

MULHER: Está cortado o rendimento da irmandade! PADEIRO Está cortado o rendimento da irmandade!

PADRE: Não enterro!

MULHER: Meu marido considera-se demitido da presidência.
PADEIRO Considero-me demitido da presidência! (SUASSUNA, 2018, p. 50)

Ariano traz na voz de João Grilo e Chicó a visão da sociedade a julgando mulher interesseira, características atribuídas às mulheres que se importam com vida financeira. Ou seja, tudo que é normalizado para um homem, para a mulher sempre observa-se como uma crítica negativa. Sendo assim, o padeiro pode e deve ter uma boa relação com dinheiro, mas a mulher é interesseira. Vejamos a seguir:

JOÃO GRILO: Eu não lhe disse que a fraqueza da mulher do patrão era bicho e dinheiro?

CHICÓ: Disse.

JOÃO GRILO: Pois vou vender a ela, pra tomar o lugar do cachorro, um gato maravilhoso, que descome dinheiro! (SUASSUNA, 2018, p. 75)

Com a chegada do cangaceiro Severino de Aracaju na trama, a Mulher demonstra interesse no personagem, rompendo mais uma vez com a socialização que

lhe é imposta e se apresentando como uma mulher que sente atração sexual por outros homens, além do seu marido. Mas esse comportamento é repreendido por todos os personagens masculinos, inclusive por Severino. Para ele essa atitude vai de contra os códigos sociais:

MULHER (Sedutora.): Então venha trabalhar comigo na padaria. Garanto que não se arrependerá.

SEVERINO (Severo.): Mostre a mão esquerda.

MULHER: (Cariciosa.): Pois não, com muito gosto.

SEVERINO: É uma aliança?

MULHER: É, sou casada com essa desgraça aí, mas estou tão arrependida! Só gosto de homens valentes e esse é uma vergonha!

SEVERINO: Vergonha é uma mulher casada na igreja se oferecer desse jeito. Aliás, já tinha ouvido falar que a senhora enganava seu marido com todo mundo. (SUASSUNA, 2018, p. 92)

Beauvoir afirma que para a sociedade é inconcebível que a mulher possa se relacionar com outro homem além de seu marido. Logo, para essa mesma sociedade o casamento é um contrato onde a mulher deve fidelidade ao homem. Em uma passagem ela exemplifica o que o corpo social espera de uma mulher: “[...] a mulher se torna a propriedade do homem, ele a quer virgem e dela exige, sob a ameaça dos mais graves castigos, uma fidelidade total” (SIMONE, 2009, p 107). Ariano constrói uma personagem que atravessa a linha em uma sociedade machista patriarcal, ao inverter os papéis onde a mulher assume um papel comum ao homem, mas que ao mesmo tempo é apontada como uma mulher sem moral por esse mesmo povo por não corresponder àquilo que se espera de uma mulher casada.

Na cena em que Severino pergunta quem vai morrer primeiro, o Padeiro aponta para sua esposa. Entendemos que, por sentir raiva do comportamento da sua parceira (interesse em outros homens), o Padeiro tenta se vingar mandando o Severino matá-la primeiro. Porém, com uma postura ativa, a personagem não hesita e abraça a morte como uma mulher emponderada.

PADEIRO Desgraçada é você que me desgraçava a testa sem eu saber! E se ao menos fosse com uma pessoa de respeito! Mas até Chicó!

CHICÓ: Até Chicó o quê? Eu fui que corri o perigo de ficar falado, andando com essa mulher pra cima e pra baixo! PADEIRO Eu não digo? Você me desgraçou. Caminhe na frente! Faço questão de ver essa desgraça morrer!

MULHER: E então? Pensa que vou fazer cara feia? Está muito enganado, tenho mais coragem do que muito homem safado! Você, sim, está aí em tempo de se acabar. Pensa que não vi as pernas de sua calça tremendo, desde que ele entrou? Frouxo safado, não lhe dou o gosto de me queixar de jeito nenhum. (Ao Cangaceiro.) Está pronto?

CANGACEIRO: Estou (SUASSUNA, 2018, p. 98)

Logo, o personagem Chicó reafirma a visão que aquela sociedade tinha da personagem mulher, ao presenciar a cena. “CHICÓ: Não manguê não, João. Mulher valente! Safada mas valente.” (ARIANO, 2018, p.99)

Depois da morte do personagem João Grilo a peça muda de cenário e se compõe para a cena do julgamento. No desenrolar da história, o personagem João Grilo intercede para Nossa Senhora, e, nesse momento, a personagem A Compadecida é introduzida na peça. Suassuna dá à personagem uma pequena aparição, mas que é de suma importância para o destino dos personagens que estão sendo julgados. A sua presença é tão marcante que a peça leva o seu nome “O Auto da Compadecida”. É ela quem socorre as almas que estão sendo condenadas ao inferno. O Palhaço que realiza a introdução dos atos, anuncia a personagem como a grande salvadora:

PALHAÇO, grande voz Auto da Compadecida! O julgamento de alguns canalhas, entre os quais um sacristão, um padre e um bispo, para exercício da moralidade. Toque de clarim.

PALHAÇO A intervenção de Nossa Senhora no momento propício, para triunfo da misericórdia. Auto da Compadecida! Toque de clarim (SUASSUNA, 2012, p.22)

Para o cristianismo, a Virgem Maria tem um lugar de mulher imaculada, é benevolente, ligada a um instinto maternal e elevada a um estatuto de perfeição inatingível. Segundo Beauvoir, para a sociedade existem dois tipos de representações femininas de pares opostos: a mãe santa tem o oposto que é a madrasta cruel:

Como as representações coletivas e, entre outros, os tipos sociais definem-se geralmente por pares de termos opostos, a ambivalência parecerá uma propriedade intrínseca do Eterno Feminino. A mãe santa tem como correlativo a madrasta cruel; a moça angélica, a virgem perversa: por isso ora se dirá que a Mãe é igual à Vida, ora que

é igual à Morte, que toda virgem é puro espírito ou carne votada ao diabo [...]. (BEUAVOIR, 2009, p. 295)

Esses polos podem ser vistos nas duas personagens da peça, a santa imaculada representando a Compadecida e a Mulher como o polo negativo. Essa concepção da representação negativa da imagem feminina com a personagem Mulher é proposta nessa sociedade da peça por suas ações que rompe com o status de mulher ideal para aquela época.

Para João Grilo, por outro lado, a Compadecida está mais perto dos mortais do que o próprio Manuel, por entender a vida das criaturas mundanas. Suassuna apresenta a personagem como uma mulher humana, ao contrário do distanciamento imposto pela santidade pregada pelo dogma religioso. Ao passo que Manuel é Jesus, Maria, por outro lado, é tão humana quanto os outros, só que sua benevolência se destaca.

A COMPADECIDA: Está bem, vou ver o que posso fazer.

JOÃO GRILO: (Ao Encourado.) Está vendo? Isso aí é gente e gente boa, não é filha de chocadeira não! Gente como eu, pobre, filha de Joaquim e de Ana, casada com um carpinteiro, tudo gente boa.

MANUEL E eu, João? Estou esquecido nesse meio?

JOÃO GRILO: Não é o que eu digo, Senhor? A distância entre nós e o senhor é muito grande. Não é por nada não, mas sua mãe é gente como eu, só que gente muito boa, enquanto que eu não valho nada. (Ocorrendo-lhe a brincadeira.) Mas, com toda desgraça, acho que sou menos ruim do que o sacristão. (SUASSUNA, 2018, p.139)

Por mais que a imagem da nossa senhora remeta à uma figura passiva, na peça de Ariano ela tem o poder de interceder pelos personagens. “A COMPADECIDA: Intercedo por esses pobres que não têm ninguém por eles, meu filho. Não os condene.” (ARIANO, 2018, p.139)”. Diante disso, compreendemos que, apesar da figura da mulher para a sociedade ser o de uma persona sem poder, nessa passagem percebemos que Ariano dá à santa um grande poderio, quebrando a expectativa da figura de uma mulher santa e passiva.

Ainda, ao julgar a personagem Mulher, A Compadecida entende que a condição de mulher “enganadora” se deve porque ela só agiu daquela forma por sofrer opressões no casamento.

ENCOURADO: Enganava o marido com todo mundo.

MULHER: Porque era maltratada por ele. Logo no começo de nosso casamento, começou a me enganar. A senhora não sabe o que eu passei, porque nunca foi moça pobre casada com homem rico, como eu. Amor com amor se paga.

A COMPADECIDA: Eu entendo tudo isso mais do que você pensa. Sei o que as mulheres passam no mundo, se bem que não tenha do que me queixar, porque meu marido era o que se pode chamar um santo. (SUASSUNA, 2018, p.142)

A Compadecida deixa claro que entende o que as mulheres passam no mundo. Essa mesma realidade é discutida no Segundo Sexo, onde as mulheres sofrem opressões por serem consideradas o segundo sexo, uma categoria inferior ao homem. A Compadecida é retratada como uma mãe que tem um certo poder, mas não está acima de Manuel (Jesus). Essa persona é retratada pela sociedade como a primeira mulher a se ajoelhar e se colocar como inferior ao filho.

Não há mais lugar na terra para a magia: Deus é o único rei. A natureza é originalmente má, porém diante da graça é impotente. A maternidade, como fenômeno natural, não confere nenhum poder. Só resta, portanto, à mulher, se quiser superar em si mesma a tara original, inclinar-se diante de Deus cuja vontade a escraviza ao homem. E mediante essa submissão, ela pode assumir novo papel na mitologia masculina [...] Desde que foi escravizada como Mãe, é primeiramente como mãe que será querida e respeitada (BEAUVOIR, 2009, p. 213).

Observamos que, nessa análise as personagens apresentam um elo por serem do sexo feminino, entendem os percursos da socialização feminina e se solidarizam com suas respectivas histórias ao serem mulheres nessa sociedade patriarcal machista. A santa de Suassuna, apesar de ser sagrada, tem um aspecto humano que é seu destino compartilhado com a personagem Mulher e de toda mulher da sociedade. Logo, não se nasce mulher, torna-se. Desde seu nascimento a mulher já tem um destino imposto pela sociedade para ser passiva, benevolente, casar-se, cuidar dos filhos e do marido pelo resto de sua vida. Para Beauvoir esse destino é determinado pela condição da mulher ser vista como o outro e não como um ser autônomo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para essa pesquisa trazemos uma análise das personagens da peça o “AUTO DA COMPADECIDA” sob o viés da teoria feminista do livro “O SEGUNDO

SEXO” de Simone de Beauvoir para entender a condição da mulher diante da sociedade retratada na peça.

Ao adentrar na vida e obra de Ariano Suassuna entendemos sua importância para o teatro nacional e sua importante contribuição de elevar a cultura nordestina para projeção nacional. Sua pertinente contribuição por debater temas dentro de suas obras relacionados à região nordestina e problemas sociais ainda pouco discutidos no país, além de suas inúmeras premiações por sua vasta obra.

“O SEGUNDO SEXO” trouxe a fundamentação teórica para entender a condição da mulher no universo vivido no “O AUTO DA COMPADECIDA”. Através das personagens de Ariano percebemos que condição da mulher segue um rito universal como descrito por Simone ao analisar as passagens femininas na peça. Por outro lado, mostra o caráter transgressor feminino em um ambiente machista, revelando o poder revolucionário que a mulher tem em quebrar os ritos imposto pela sociedade.

Por fim, observamos que Suassuna traz importantes reflexões em seu trabalho. Sua peça é marcada pela discussão de uma sociedade que vive no interior do nordeste com problemas como a miséria, a seca, em um sistema patriarcal machista. Por mais que a condição da mulher não seja o foco da trama, percebemos que o autor já tem um olhar mais crítico em relação à condição real da mulher, delegando às personagens uma certa autonomia mesmo em um universo marcadamente machista.

REFERÊNCIAS

ALMADA, Daniella Carneiro Libânio. **O circo na poética de Ariano Suassuna**. Plural Pluriel, 2018, n° 18.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

FELDEN, Patrícia. A categoria da alteridade em o segundo sexo de Simone de Beauvoir (destacando a relação entre homens e mulheres). **Sapere aude** – Belo Horizonte, v. 10 – n. 20, p. 809-814, Jul./Dez. 2019 – ISSN: 2177-6342.

KERSH, Teresinha. **Os Tons Trágico de Ariano Suassuna: uma leitura de uma mulher vestida de sol**. 2012. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2012.

SANTOS, Alane Regina Rodrigues; SANTOS, Catarina Angélica; SANTOS, Andréia Rodrigues. As relações de poder no semiárido nordestino. **Revista Ambivalências** • ISSN 2318-3888 • V2 • N.4 • p. 151 – 164 • Jul-Dez/2014.

SOUZA, Isabel Amphilo Rodrigues. **O Auto da compadecida: da cultura popular à cultura de massa uma análise a partir da folk-mídia**. 2003. Dissertação (Pós-Graduação) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2003.

SUASSUNA, Ariano. **O auto da compadecida**. 40. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018

VICTOR, Adriana; LINS, Juliana. **Ariano Suassuna - um perfil biográfico**. 01. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2007

WEBSITES

ALBUQUERQUE, Túlio. Regionalismo e coronelismo no filme “O Auto da Compadecida”. *In*: I Seminário nacional fontes documentais e pesquisa histórica: diálogos interdisciplinares, 2019. **Anais eletrônico**, Disponível em: <https://www.academia.edu/4089886/REGIONALISMO_E_CORONELISMO_NO_FILME_O_AUTO_DA_COMPADECIDA>. Acesso em: 21 mar 2023

BEZERRA, Juliana. Feminismo no Brasil. **Toda Matéria**, [s.d.]. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/feminismo-no-brasil/>. Acesso em: 28 mar. 2023

BRITO, Claudio. 1 Vídeo (49 min). Ariano Suassuna: Cabra de Coração e Arte ou O Cavaleiro da Alegre Figura. **Publicado pelo canal TVIFPB**, 2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=K8VYXtXhWJo&ab_channel=TVIFPB Acesso em: 26 fev. 2023.

CLÊNIO Wanderley. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira**. São Paulo: Itaú Cultural, 2023. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa434092/clenio-wanderley>. Acesso em: 21 de março de 2023. Verbetes da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

CAMAROTTI, Gerson. **Ariano Suassuna, 95 anos: o último testamento** (entrevista inédita). G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/blog/gerson-camarotti/post/2022/06/16/ariano-suassuna-95-anos-o-ultimo-testamento-entrevista-inedita.ghtml> Acesso em: 26 fev. 2023.

CARDOSO, Fabio. **Um Brasil imaginado**. Pesquisa FAPESP. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/um-brasil-imaginado/> Acesso em: 26 fev. 2023.

DIANA, Daniela. **Movimento Armorial**. Toda Matéria. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/movimento-armorial/> Acesso em: 20 mar. 2023.

DIANA, Daniela. Simone de Beauvoir. **Toda Matéria**, [s.d.]. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/simone-de-beauvoir/>. Acesso em: 28 mar. 2023

FILHO, Francisco. Clênio Wanderley, o que nasceu diretor, como outros nascem santos. In: Simpósio nacional de história, nº 30, 2019, Recife. Recife: ANPUH-Brasil, 2019. **Anais eletrônico**, Disponível em: https://www.snh2019.anpuh.org/resources/anais/8/1553030908_ARQUIVO_SNH_R_ECIFE.pdf. Acesso em: 21 mar 2023

HERMILO Borba Filho. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira**. São Paulo: Itaú Cultural, 2023. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa7224/hermilo-borba-filho>. Acesso em: 21 de março de 2023. Verbetes da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

JEAN-PAUL Sartre. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira**. São Paulo: Itaú Cultural, 2023. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa18036/jean-paul-sartre>. Acesso em: 21 de março de 2023. Verbetes da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

LUCHETTA, Evellyn; BISPO, Giovanna; DORNELAS, Helena. **Ariano Suassuna: escritor, dramaturgo, cidadão e defensor da cultura popular**. Agência de Notícias CEUB. Disponível em: <https://agenciadenoticias.uniceub.br/perfil/ariano-suassuna->

escritor-dramaturgo-cidadao-e-defensor-da-cultura-popular/#:~:text=Um%20dos%20principais%20estudiosos%20brasileiros,criar%20uma%20arte%20verdadeiramente%20brasileira.> Acesso em: 26 fev 2023.

PAULINO, Suzana Ferreira; PROCÓPIO, Pedro Paulo; MOURA, Andréa Kaline Arcoverde; BARKOKÉBAS, Ariadne Barros. Educação e representações femininas no auto da compadecida de Ariano Suassuna. In: V SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES, 2017. **Anais eletrônicos**, Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/enlacando/2017/TRABALHO_EV072_MD1_SA14_ID363_17072017173639.pdf>. Acesso em: 21 mar 2023.

SIMONE DE BEAUVOIR. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2023. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Simone_de_Beauvoir&oldid=65457249>. Acesso em: 10 mar. 2023.

TEATRO do Estudante de Pernambuco (TEP). In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira**. São Paulo: Itaú Cultural, 2023. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/grupo404785/teatro-do-estudante-de-pernambuco-tep>. Acesso em: 21 de março de 2023. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

ANEXO

Obras de Ariano Suassuna

Textos teatrais

- *Uma Mulher Vestida de Sol* (1947);
- *Cantam as Harpas de Sião* (ou *O Desertor de Princesa*) (1948);
- *Os Homens de Barro* (1949);
- *Auto de João da Cruz* (1950);
- *Torturas de um Coração* (1951);
- *O Arco Desolado* (1952);
- *O Castigo da Soberba* (1953);
- *O Rico Avarento* (1954);
- *Auto da Compadecida* (1955);
- *O Desertor de Princesa* (Reescritura de *Cantam as Harpas de Sião* -1958);
- *O Casamento Suspeitoso* (1957);
- *O Santo e a Porca*, imitação nordestina de Plauto (1957);
- *O Homem da Vaca e o Poder da Fortuna* (1958);
- *A Pena e a Lei* (1959);
- *Farsa da Boa Preguiça* (1960);
- *A Caseira e a Catarina* (1962);
- *As Conchambranças de Quaderna* (1987).